

OBRA COMPLETA

ARTHUR RIMBAUD



EDIÇÃO BILINGUE

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Obra Completa

Autor: Arthur Rimbaud

Prefácio: Francisco Vale

Tradução: Miguel Serras Pereira e João Moita

Revisão de texto: Ana Cristina Câmara, Anabela Prates Carvalho e Joana Nunes

Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

sobre fotografia do autor (c. 1871), de Étienne Carjat

© Relógio D'Água Editores, Abril de 2018

Nota do Editor

Esta tradução integra toda a poesia de Rimbaud e uma extensa selecção das suas cartas (excluíram-se apenas os poemas em latim, os exercícios escolares e cartas comerciais irrelevantes).

Os tradutores são Miguel Serras Pereira e João Moita, poetas e tradutores de gerações diferentes, que, naturalmente, trabalham com critérios distintos.

Os poemas que Miguel Serras Pereira e João Moita traduziram são respectivamente indicados no Índice Detalhado por [MSP] e [JM].

João Moita traduziu as cartas de 1870 a 1875 (pp. 501–562). A tradução das restantes cartas é assumida pelos dois tradutores.

Encomende os seus livros em:

www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-842-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Rainho & Neves, Lda. / Sta. Maria da Feira
Depósito Legal n.º 440587/18

Arthur Rimbaud

Obra Completa

Tradução de
Miguel Serras Pereira e João Moita

Prefácio de
Francisco Vale

Poesia

Temporada no Inferno

Depois de lhe ser extraída a bala no hospital Saint-Jean, Rimbaud regressa a Roche a 20 de Julho, onde, apesar do braço ao peito, a família o recebe com alegria. É aí que, fechado num celeiro, acaba *Uma Temporada no Inferno*, que sairá em Outubro na tipografia M.-J. Poot et Compagnie de Bruxelas, tendo marcado na capa o preço: 1 franco. Rimbaud envia, ou entrega, um exemplar a Verlaine e distribui outros seis por amigos de Charleville e conhecidos parisienses.

Foi o único livro que Rimbaud publicou em vida. No dia 1 de Novembro, o poeta Albert Poussin viu-o no Tabournay, um café literário de Paris, sentado a uma mesa, isolado e abatido, aguardando talvez o efeito explosivo que o seu livro causaria nos meios literários da capital.

Uma Temporada no Inferno permite interpretações diversas. Breton viu nestes poemas demasiadas cedências ao cristianismo e Claudel a impressão «quase física» do sobrenatural.

Para os alquimistas, a descida ao inferno simbolizava a introspecção, o risco de dissolução nas profundezas do ser ou do inconsciente, como dizemos depois de Freud. Os temas do bem e do mal, a questão do pecado, a atitude perante deus surgem e logo desaparecem para ressurgirem numa perspectiva diferente.

Como escreveu Enid Starkie, *Uma Temporada no Inferno* tem a vibrante intensidade de um combate cujo final o escritor desconhece. Rimbaud sabe que talvez tenha confundido o céu com o inferno, e que a arte e a vida passada podem não ter sido mais do que um engano.

[...] Criei todas as festas, todos os triunfos, todos os dramas. Experimentei inventar novas flores, novos astros, novas carnes, novas línguas. Acreditei adquirir poderes sobrenaturais. Pois bem! Tenho de enterrar a minha imaginação e as minhas lembranças! Uma bela glória de artista e de contador de histórias desfeita em nada!

[...] Enfim, pedirei perdão por me ter alimentado de mentira. E vamos indo. [...]

Mas o livro terminado em Agosto de 1873 mantém o desafio, e é provável que em alguns poemas de *Uma Temporada no Inferno* Rimbaud pretendesse despedir-se do seu papel de vidente mas não de poeta (na verdade, escreveria ainda parte das *Iluminações*), pois não desistia da revolta espiritual e de entrar nas «cidades esplêndidas».

É preciso ser absolutamente moderno.

Nada de cânticos: manter o passo conquistado. [...]

Recebamos todos os influxos de vigor e de ternura real. E à aurora, armados de uma ardente paciência, entraremos nas cidades esplêndidas.

A obra, que, de resto, não foi distribuída nas livrarias, passou despercebida, apesar de nela Rimbaud se propor examinar o seu passado e romper com as suas concepções poéticas anteriores. Regressou a pé a Charleville e queimou os seus manuscritos. Os 494 exemplares de *Uma Temporada no Inferno* permaneceram na tipografia, onde seriam encontrados em 1901, talvez por Rimbaud ter usado em coisas mais urgentes o dinheiro que a mãe lhe dera para pagar o livro.

Em finais de 1873, Rimbaud regressa a Paris, evitando frequentar os meios literários. Conhece o jovem poeta Germain Nouveau, com quem parte para Londres, onde de novo dá aulas de Francês, se emprega numa fábrica de caixas de cartão e «passa a limpo» as *Iluminações*, obra que, ao que tudo indica, iniciara antes de escrever *Uma Temporada no Inferno* (o facto faz com que não tenha sentido tentar estabelecer relações de prioridade cronológica entre os dois principais textos de Rimbaud).

Mas em Junho do ano seguinte, quando a mãe e a irmã o visitaram, já estava separado de Nouveau. Mostrou o Tamisa, o metro e a cidade às visitantes, comprou gelados para a irmã, e deixou-se acompanhar pela mãe, que envergava a sua melhor roupa, em inúteis entrevistas de emprego.

Partiu inesperadamente de Londres, talvez para ser professor em Edimburgo, embora Starkie não tenha encontrado rastos escoceses dessa intenção.

Supõe-se que não voltou a escrever literatura (exceptuando um poema solto enviado a Delahaye em 1875), o que talvez não se deva lamentar. Mesmo que o fizesse, já não seria como vidente, pois pusera em causa essa pretensão em *Uma Temporada no Inferno* e levara-a ao extremo em *Iluminações*, onde a sua poesia se aproximara da abstracção musical.

Ele próprio previra, na carta que escrevera aos dezasseis anos a Paul Demeny, que um dia poderia conhecer o terror de «perder a inteligência das suas visões». Mas acrescentava que mesmo assim «tê-las-á visto». É penoso imaginar um Rimbaud tributável, envelhecendo nos meios literários, anjo rebelde que desistira de disputar a deus o papel

de criador, um poeta perdido das suas visões e já incapaz de «dançar sem cessar a festa da noite». Podemos lamentar o que deixou por escrever, mas devemos-lhe a lucidez de pensar que fez bem em partir, em se perder nos confins de África, deixando-nos a imagem de um poeta que ainda hoje é capaz de incendiar a imaginação dos leitores.

O tropismo do Oriente

Teve então início uma outra vida de Rimbaud, uma passagem entre a sua precoce actividade de poeta e a estada em Áden e em Harar, na Abissínia.

Foi um período de nomadismo europeu e mediterrânico que se prolongou numa viagem até Samatra e em que, tal como na sua vida de poeta e negociante, revelou audácia e espírito de aventura. Charleville era agora o seu quartel de Inverno, e fazia-se cada vez mais sentir o tropismo que na Primavera de novo o arrastava para o Oriente, já não pelas suas filosofias antigas, mas pelo calor e a distância.

Após uma breve estada com a família partiu para Estugarda para aprender a língua alemã, empregando-se como preceptor dos filhos de um médico. Foi aí que um muito católico Verlaine o visitou pela última vez, dele recebendo um manuscrito das *Iluminações* para entregar a Nouveau. Mas o encontro terminou num confronto físico que deixou Verlaine desmaiado nas margens do Neckar, um rio celebrado por Hölderlin, onde ao amanhecer alguns camponeses o encontraram e levaram de carroça para a cidade.

Iluminações

Os originais de *Iluminações* tiveram um percurso sinuoso. A primeira parte foi provavelmente escrita em Londres entre Setembro de 1872 e Abril do ano seguinte, e passada a limpo em 1874, com ajuda de Germain Nouveau, cuja letra surge nos manuscritos. O livro conheceu versões editoriais que conjugaram de diferentes modos poemas em verso e poemas em prosa (houve a edição de *La Vogue*, outra de Verlaine [1894], e uma terceira, em 1898, de Ernest Delahaye e de Berrichon, marido de Isabelle, a irmã mais nova de Rimbaud). A edição actual baseia-se nos manuscritos que, depois de estarem em várias

mãos, acabaram por ser reunidos na Bibliothèque National de France. O seu título pode não ser o que Rimbaud escolheu e a colocação de «Depois do Dilúvio» no início foi uma opção editorial que atribui ao autor a intenção de assinalar o fim de um mundo e o início de uma nova criação.

São poemas sem um motivo recorrente, onde as referências existenciais ainda reconhecíveis em *Uma Temporada no Inferno* se esbatem num onirismo de difícil interpretação que surpreendeu o próprio Verlaine. As visões são as de um olhar regressado de mundos desconhecidos. Os fragmentos narrativos são raros, surgem para logo se dispersarem nas cores de um incêndio incompreensível.

DEPOIS DO DILÚVIO

Assim que a ideia do dilúvio tornou a serenar,

Uma lebre parou entre os sanfenos e as campainhas movediças e disse a sua oração ao arco-íris através da teia de aranha.

Oh! As pedras preciosas que se escondiam —, as flores que já olhavam.

A aposta numa nova linguagem poética capaz de mudar o mundo exprime-se em «Génio»:

Ó fecundidade do espírito e imensidão do Universo! [...]

O seu dia! A abolição de todos os sofrimentos sonoros e moventes na música mais intensa.

O seu passo! As migrações mais enormes do que as antigas invasões.

Mário Cesariny parece fazer uma mera constatação quando escreve no prefácio às *Iluminações* que estas são «um terreno-limite que muita gente explora mas para além do qual ainda ninguém atravessou».